

ANÁLISE DISCURSIVA DO POEMA “GALOPE” DO POETA ROBSON RENATO: ENTRE O INTERDISCURSO E A MEMÓRIA DISCURSIVA.

Gustavo Natanael Arlindo de Souza¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN
gustavo.201314a@gmail.com
Cosma Dayane Alves Nunes²
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN
nunesalves0202@gmail.com
Natália Venâncio da Silva³
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN
nataliavenancio1@hotmail.com

RESUMO

O poema como um discurso literário aborda diferentes expressões linguísticas, e é preciso levar em conta toda essa exterioridade linguística que resulta em diferentes efeitos de sentidos com outras esferas discursivas. Tendo em vista o período ditatorial brasileiro no qual o poeta Robson Renato se inspirou para escrever o poema “Galope”, vemos marcas de interdiscursividade, haja vista que o interdiscurso é caracterizado pela presença de diferentes discursos já originados presentes num discurso atual. O texto literário, sendo também uma manifestação da linguagem, demonstra traços que evidenciam a presença da interdiscursividade e da memória discursiva em seu processo semântico. O presente trabalho tem como objetivo analisar, discursivamente, o poema “Galope” de Robson Renato, de forma a estabelecer uma relação com o interdiscurso e a memória discursiva a partir das perspectivas da Análise do Discurso de orientação francesa, tendo como aporte teórico os estudos de Maingueneau (2000),(2008), (2016) e de pesquisadores que se filiam para esta corrente de estudo, sedo Almeida (2017), Fernandes (2007), e Mazzola (2009).

Palavras-chave: Discurso, Interdiscurso, Memória discursiva, Poema.

1 INTRODUÇÃO

A partir das contribuições da análise do discurso, de orientação francesa, o respectivo estudo tem por objetivo analisar, discursivamente, o poema “Galope” do Poeta Robson Renato: entre o interdiscurso e a memória discursiva. A pergunta que norteia o estudo: como

¹ Licenciado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pelo Campus Avançado Profa: Maria Elisa de Albuquerque Maia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAMEAM-UERN). E-mail: gustavo.201314a@gmail.com

² Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Profa: Maria Elisa de Albuquerque Maia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAMEAM-UERN). E-mail: nunesalves0202@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus Avançado Profa: Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM-UERN). E-mail: nataliavenancio1@hotmail.com

se estabelece os efeitos de sentidos nessa relação interdiscursiva no texto do Poeta? E como essa memória é ativada?

O poeta Robson Renato é um nome importante na literatura contemporânea no Alto Oeste Potiguar e região, enfatizando em sua poesia da cultura popular os seus cordéis, sonetos, poemas, trovas etc. Sendo natural da cidade de Pau dos Ferros do Estado do Rio Grande do Norte, graduou-se em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), atualmente é funcionário público municipal, professor, e desenvolve estudos nos âmbitos socioculturais, focalizando a literatura de cordel como destaque em torno da cultura popular nordestina.

O poema é um gênero discursivo literário que se utiliza de uma linguagem lírica ou poética, e que tem como finalidade abordar diversos temas sociais ou subjetivos que permeiam no meio social, com a intenção de retratar, resgatar entre outros pontos uma determinada situação social, utilizando-se por meio de ideologias e perspectivas do poeta e das múltiplas interpretações do sujeito leitor.

A poesia do poeta Robson Renato é enriquecedora nesses aspectos, dentre algumas delas se destacam no livro de sua autoria intitulado “Boca de Noite”, a identidade nordestina, a Cultura Popular, justiça social, em que são perceptíveis no *corpus* desse presente trabalho, e que será discutido e aprofundado mais posteriormente no texto nos poemas *Galope*. De certa forma, justifica-se a escolha deste poema por tratar dessas questões que nos levam para uma série de interdiscursividades linguísticas e de ativação de memórias que nos remodelam para essas exterioridades que compõem os efeitos de sentidos presentes dentro da poesia do texto do respectivo poeta.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise discursivamente com base nas categorias da Análise do Discurso de orientação francesa, pela Memória Discursiva e Interdiscurso, levando em consideração a relação dos efeitos de sentidos que se dão por meio deste poema e sua funcionalidade social.

METODOLOGIA

De tal modo, o presente trabalho estrutura-se, didaticamente, seguindo os seguintes critérios. Introdução, metodologia, desenvolvimento do corpo do texto teórico, os resultados com as discussões sobre redes discursivas que atravessam o poema e sua ativação da memória social presente no poema do respectivo poeta potiguar, condicionando os efeitos de sentidos adquiridos, dando seguimento as considerações finais e as referências bibliográficas que

estruturaram o corpo do texto. O nosso estudo fundamenta-se num método dedutivo, pois partiremos de uma ideia mais macro, partindo para um ideal particular/objetivo, pois levamos em conta da descrição de enunciados para depois interpretá-los sobre as categorias de análise da AD.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O século XX foi essencial para os avanços dos novos estudos que envolveram a linguagem diante do amplo campo das ciências humanas. Tinha como maior notoriedade, como enfatiza Fernandes (2007) estudar a linguagem por uma ótica sistemática, estudo por normas, a língua enfatizada pelo auge do estruturalismo representado pela lógica de Saussure como sendo uma língua homogênea, regida por um sistema de regras em que a Linguística ganha seu *status* de ciência na área das ciências humanas, devido o seu avanço teórico e aos seus procedimentos metodológicos de como estudar a língua, como um objeto que se consagrou pela sua divisão dicotômica na linguagem.

No campo teórico que a linguística está voltada, diversas teorias têm seu valor semântico e pragmático na sua composição enquanto disciplina como ciência. Nesse trajeto, a Análise do Discurso é uma das vertentes da linguística, haja vista que, na AD francesa, diferentes fatores são relacionados para termos percepção e discernimentos dos discursos que nos permeiam na sociedade, como a exterioridade, os efeitos de sentidos, ideologias, sujeito etc.

O filósofo Michel Pêcheux traz à tona para uma nova ótica da língua as influências de pesquisas em que participava do grupo de estudos de Althusser, nas quais se debatiam temas relacionados à filosofia, à psicologia, e a própria linguística, com figuras ilustres da época, como Foucault, Lacan. A partir das contribuições do filósofo Michel Pêcheux estabelecer uma visão em estudar a língua por um viés de caráter interdisciplinar e social, não se limitando em abordar as pesquisas em torno dos elementos linguísticos estruturais como era até então naquele contexto do ápice do estruturalismo linguístico. Nessa ideia, o filósofo coloca em vigor um novo olhar científico que buscasse entender esse novo modelo de estudo, que consolidou-se mais posteriormente com o surgimento da Análise do Discurso.

Os estudos voltados para a Análise do Discurso ganharam maior notoriedade a partir da década de 1960 na França, tendo como maior fundador teórico, o filósofo Michel Pêcheux. Nesse percurso histórico, a AD surge como principal linha de pensamento de estudo, como o

próprio nome está intitulado, analisar o discurso em sua materialização histórica, sua exterioridade.

Diversos fatores contribuíram para as formulações dos pressupostos que iriam fundamentar essa perspectiva teórica da AD, a ideia de maquinaria discursiva, as formações discursivas, a ideia de sujeito discursivo, dotado de uma ideologia. Ao longo da formação desse campo disciplinar, houve influências de diversos campos de estudos e de autores consagrados, a relação da materialidade linguística, pela abordagem estruturalista de Saussure, o materialismo histórico, desenvolvidos pelos estudos Marxistas, a ideia de sujeito discursivo sobre a psicologia do ponto de vista de Freud, sob esse viés, a Análise do Discurso surge a partir de um momento crítico histórico social e político.

Como aponta Mazola (2009), a AD francesa surgiu destinada a analisar, inicialmente, o discurso político, com a finalidade de investigar as entidades linguísticas que estavam por trás desses discursos, enfatizando discursos políticos escritos. Fernandes (2007) aponta sistematicamente as três fases da AD; A primeira AD1, trata-se da noção de maquinaria discursiva estrutural, que é considerada fechada em si, pois o sujeito tem a ilusão de ser a fonte, a origem dos seus dizeres, mas na verdade ele é apenas um reproduzidor de discursos já estabelecidos, com isso, é tratado como assujeitado, pois na voz desse sujeito quem fala é uma instituição, na qual esse sujeito está inserido.

Na perspectiva da AD2, o sujeito ainda se mantém assujeitado, mas é interpelado, clivado pela noção de maquinaria discursiva. Nessa segunda fase, a AD, por intermédio de Pêcheux, recebe contribuições do pensamento filosófico de Michel Foucault com a noção de Formação Discursiva, isto é, as FDs passam a tomar um mecanismo de observação de análise, como o mecanismo que serve como espaço que regula o que pode ser ou não dito em determinado lugar e momento histórico de sua produção discursiva.

Na AD3, a noção de maquinaria discursiva é radicalmente desconstruída, nesse momento, é abandonada a ideia de sujeito homogêneo, o sujeito é extremamente heterogêneo, e são colocados em evidência a noção de interdiscurso, heterogeneidade, e também o inconsciente. É justamente nessa fase que a filosofia foucaultiana ganha notoriedade no campo da análise do discurso, enfatizando categorias como efeitos de sentidos, sujeito, e principalmente, conforme abordagem arqueológica e genealógica em que o próprio Foucault frisa, a ideia de relações de poder que o discurso capta nas relações sociais.

A respeito da AD de orientação francesa, esta já mais ampla com sua dimensão múltipla, levando os sujeitos que são organizados por uma ideologia, não apenas se relaciona com os aspectos materialista ou ideológico, mas também com a filosofia, sociologia, literatura

e demais campos, para isso uma investigação é primordial sobre sua gênese, pois a AD é considerada por muitos pesquisadores como uma disciplina transdisciplinar. Nesse sentido, destaca-se Dominique Maingueneau, considerado por muitos o principal ponto teórico dessa AD de orientação francesa com sua contribuição acerca do ethos discursivo e interdiscurso por obras “Discurso e análise do discurso” (2015), “Discurso Literário” (2016) etc.

2.1 Memória e Interdiscurso: entrecruzamentos teóricos.

Perante as categorias de análises da ADF, a memória discursiva é uma categoria extremamente importante de análise para produção e compreensão de sentidos. No discurso literário, por exemplo, ele traz à tona elementos históricos a partir das fronteiras entre os grupos, sujeitos num sentido cultural, artístico, econômico, filosóficos etc, cuja as noções são caracterizadas como lugares de memória e memória coletiva na vivência entre os sujeitos e grupos em sociedade nas suas dimensões espaço-temporais.

A memória discursiva contribui para o funcionamento do discurso, uma vez que opera para os efeitos de sentidos numa relação de encontro e desencontro com a história, motivado por uma construção coletiva, exterior a própria linguagem, mas que ao mesmo tempo a constitui. Mais precisamente de acordo com Fernandes (2007, p. 65):

Memória discursiva: espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo-sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória social coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção. (FERNANDES, 2007, p. 65)

Ao tratar de memória pela ótica da Análise do Discurso, o autor nos chama atenção que não se faz alusão a uma memória e um indivíduo único, que nos remete a uma memória individual passada, mas uma memória coletiva, social, materializada nas relações históricas, culturais e sociais, ou seja, a memória social é estabelecida pelos fatores exteriores da linguagem, em que se insere na sua materialidade de enunciação nas interações sociais com os sujeitos, e quando essa memória é ativada, outra categoria de análise é ativada quase que simultaneamente, categoria esta intitulada de Interdiscurso.

Em seu trajeto teórico nas linhas da Análise do Discurso, o interdiscurso é outra categoria que tem legitimidade para ser aprofundada e ser inserida num determinado *corpus* a ser estudado. Tomar o interdiscurso como uma categoria de análise já nos remete aos

pressupostos que já foram (re)discutidos por autores renomados, dentre eles, cita-se Michel Foucault, mas salientamos que discutiremos pelo viés de Maingueneau (2008) com sua contribuição acerca do interdiscurso.

Quando falamos de interdiscurso pelo próprio termo da palavra ativamos um conceito prévio dessa categoria de Maingueneau (2008), uma vez que, o interdiscurso, numa forma sucinta, é presença de diferentes discursos já originados presentes num discurso atual. A respeito dessa categoria Maingueneau e Possenti, frisam o interdiscurso como:

Incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das redes desse discurso com seu Outro. No nível das condições de possibilidade haveria, pois, apenas um espaço de trocas e jamais de uma identidade fechada. (MAINGUENEAU, 1984 apud POSSENTI, 2003, p. 264, grifo do autor).

Diante deste pensamento teórico, o interdiscurso é a categoria que faz uma relação por uma diversidade discursiva, presença de uma rede discursiva fazendo entrecruzamentos com outros discursos já estabelecidos, pré-construídos, dos já ditos. Nessa perspectiva, o interdiscurso vai se relacionar a outros enunciados em diferentes momentos, em determinados espaços históricos e sociais, inseridos e regulados por uma formação discursiva, o que nos leva a refletir que essa rede discursiva atribui efeitos de sentidos um pouco semelhante.

Na lógica de Maingueneau (2000, p. 5), essa categoria é a chave central da análise do discurso, pois na sua perspectiva ele só poderá ser entendido a partir do interdiscurso, uma vez que é compreendido perante um elo de interação entre os discursos, levando em conta uma série de fatores analíticos em que sua identidade é definida nas relações interdiscursivas, nesse caso, o autor nos chama atenção que uma responsividade é necessária:

[...] a identidade de um discurso se constrói e se alimenta através de outros discursos; falar é sempre falar com, contra ou por meio de outros discursos, outras vozes. Portanto, a relação de um texto consigo mesmo e sua relação com outros, ou seja, do “intradiscurso”, com o “interdiscurso”, não pode ser dissociada. Muitos fenômenos textuais podem ser interpretados à luz do primado do interdiscurso: a pressuposição, a negação, as citações, o modo e o tempo, a ironia, a paródia, etc. (MAIGUENEAU, 2000, p. 05)

Diante dessa constatação teórica, o interdiscurso está relacionado há uma variável rede interdiscursiva a qual é capaz de fazer um elo de ligação, isto é, uma ponte de um discurso a outro, eles (“intradiscurso” e o “interdiscurso”) possuem uma relação de interdependência,

não podem ser separados, pois eles mantêm uma relação recíproca no seu funcionamento no seu plano discursivo.

Dessa maneira, é importante ter em mente que para compreender essa categoria como uma rede discursiva fazendo entrecruzamentos com outros discursos já construídos, é primordial termos o discernimento do pensamento de Maingueneau (2008) sobre a heterogeneidade discursiva, o qual se cliva em dois modelos. O primeiro é como aponta Almeida (2017, p 56) na sua dissertação, é tido como heterogeneidade mostrada, em que se ao nível estrito da língua, a frase ou enunciado. O segundo é intitulado de heterogeneidade constitutiva, esta que não é perceptível no texto, mas que seu aparato semântico é atribuído no significado no decorrer do trajeto em sua relação sócio-histórico.

Memória discursiva e Interdiscurso são duas categorias estudadas no campo teórico da AD francesa essenciais para atribuímos uma verticalização em torno das redes discursivas que se desenvolvem socialmente. Para melhor compreensão dessas categorias, apreciamos que: “para sustentação dessa memória, conta-se com a manutenção de arquivos que passam por um processo político de difusão ou de esquecimento” (SARGENTINI, 2011, p. 91). Daí, a relação inerente entre intradiscurso e interdiscurso, os quais são formulados e reformulados de acordo com a situação histórica a que se aplicam.

O POEMA COMO UM GÊNERO DO DISCURSO LITERÁRIO

Um dos grandes acervos bibliográficos de Maingueneau é o livro “Discurso Literário” em que enfoca discussões relevantes acerca do discurso literário a qual abordaremos posteriormente de forma sintetizada. O discurso literário sobre o ponto de vista do autor é enfatizado como um discurso constituinte, categoria esta da qual ele denomina como

“aprender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência. A expressão “discurso constituinte” designa fundamentalmente os discursos que se propõem como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que a autoriza em si mesma”. (MAINGUENEAU, 2016, p. 60).

Do ponto de vista do autor, esta categoria não se limita apenas na sua formação singular, mas condiciona uma série de elementos extra-discursivos em seu processo, fatores como meio de circulação, contexto, condições sócio históricas, etc.

O poema como um discurso literário aborda diferentes expressões linguísticas, o que precisa ser levado em conta toda essa exterioridade linguística que compactua em seus

diferentes pontos de efeitos de sentidos com outras esferas discursivas na sua formação enquanto gênero, isto é, o discurso literário não se restringe apenas em si mesmo como uma arte literária, mas se entrecruza com diferentes gêneros discursivos.

De acordo com Maingueneau (2010), análise do discurso e literatura consiste num embate conflitante teoricamente, para ele:

[...] parte dos especialistas de literatura julga, ao mesmo tempo, ilegítimo e ineficiente utilizar o recurso de problemáticas da análise do discurso no seu domínio de estudo. Isso se deve, sem dúvida, em parte às pressuposições herdadas da estética romântica, que opunha literatura ao resto das outras produções discursivas de uma sociedade (2010).

A partir desse entendimento, o texto literário é considerado como um objeto a parte, sendo estudado apenas com a hermenêutica tradicional com o viés da crítica literária, um fator puramente autêntico como sua formulação e objeto de estudo próprio que o distancia das demais proliferações discursivas, semânticas, pragmáticas, linguísticas... permeados na sociedade pelos sujeitos.

De certa forma, Maingueneau (2010) e alguns pesquisadores, destacam incisivamente que o texto literário de qual gênero pertencer, não deve se restringir apenas por uma ótica de pesquisa, mas podendo ser estudado do ponto de vista linguístico em detrimento de sua condição de produção. O discurso literário deve ser visto do ponto de vista histórico, fazendo uma relação discursiva espaço-temporal de sua leitura e de circulação, focalizando não apenas na materialidade linguística, mas em sua exterioridade, assim, uma junção que une ambas, literatura e linguística, o que contempla uma análise do discurso, pois, de certa forma, nesse viés o discurso literário assume um fator interdisciplinar.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Iniciamos este tópico fazendo uma discussão mesclando a teoria com a análise sobre o poema do poeta Robson Renato, retirado de sua obra “Boca de Noite”, com a finalidade de descrever e analisar esses discursos, focalizando a memória discursiva e o interdiscurso. O Nordeste é uma região riquíssima em cultura popular, literatura, religiosidade, poetas e repentistas. Pau dos Ferros, localizado no interior do Rio Grande do Norte, na região do Alto Oeste Potiguar, reside o poeta Robson Renato, representante desse marco cultural que permeia a poesia do sertanejo.

Mediante estes poemas, coloca-se o desafio de nos debruçarmos sobre as diversas materialidades discursivas, constitutivas de todo um arquivo, tendo em vista a necessidade de descrever e analisar os discursos literários, focalizando a memória discursiva e o interdiscurso, que tentaremos captar nesta análise.

Vejamos a primeira estrofe do poema “Galope”.

Lembrando do tempo das imposições
Em 64, Goulart foi deposto
Num golpe tremendo de muito mau gosto
Onde os militares lotaram prisões.
Quem fosse contrário às suas razões
Jamais poderia se manifestar,
No choque e na força tentaram calar
Quem se levantava mostrando vontade,
De abrir os caminhos pra ter liberdade
Nos dez de galope na beira do mar. (RENATO, 2017, p. 34)

O poema inicia justamente nos remetendo para uma memória muito crítica do nosso país, enfatizando o Regime Autoritário de 1964 que foi a Ditadura brasileira, sendo possível observar esse fato quando o poeta se utiliza dos termos “em 64”, “Goulart”. Tendo em vista a memória discursiva descrita em Fernandes (2007) como uma memória construída no meio social e materializada nas relações históricas, culturais e sociais, e analisando essa situação discursiva, é reativada a memória do período do Regime Militar brasileiro, quando naquele momento histórico crítico, o congresso em 2 de Abril 1964 cassou o presidente da época, o João Goulart, conhecido como “Jango”, instalando um novo parâmetro sócio-político no Brasil.

O poeta enfatiza ainda mais a memória discursiva posteriormente nos seus versos, “onde os militares lotaram prisões. Quem fosse contrário às suas razões jamais poderia se manifestar” Renato (2017, p. 34). A ditadura brasileira foi sentenciada por diversas ações repressoras, como cassação de mandatos políticos, fechamento do congresso nacional, etc. De acordo com Fernandes (2007), a memória é materializada pelas relações sociais em determinados momentos históricos. Portanto, ao referenciar alguns desses termos, precisamente “64”, “Goulart”, militares em seu poema, a memória discursiva é mobilizada por uma temporalidade histórica no momento histórico político social do Brasil no período de 1964, quando o mundo era mediado pela Guerra Fria, tendo duas ideologias marcantes naquela situação de condições de produção, o bloco soviético representado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), com a ideologia socialista, sendo que o Brasil na época de Jango era acusado de comunista, pois aderir a uma ideologia socialista era uma porta

para a entrada do comunismo; e o outro bloco vigente da época liderada pelos Estados Unidos (EUA), com o pensamento ideológico do capitalismo.

Observamos também a presença da categoria do interdiscurso no momento que o poeta potiguar discorre em sua obra, pois como o interdiscurso é um *sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das redes desse discurso com seu Outro*. (POSSENTI, 2003, p.) e de acordo com o enunciado “No choque e na força tentaram calar quem se levantava mostrando vontade, de abrir os caminhos pra ter liberdade, nos dez de galope na beira do mar” , há o entrecruzamento das redes discursivas já-ditas, pré-construídas. Nesse sentido, essa parte do poema se articula com os discursos dos sujeitos que travaram uma resistência ao período autoritário brasileiro, os sujeitos que travaram algumas medidas, algumas até questionáveis para combater o regime e estabelecer uma política mais liberta, a democracia.

Um sujeito que se relaciona tanto com a presença dessa categoria de análise, junto da memória a partir do termo escolhido pelo poeta “Força”, de modo que há um paralelo com a figura do jornalista que, segundo o discurso midiático, Vladimir Herzog foi supostamente enforcado pela ditadura brasileira, precisamente no estado de São Paulo em 25 de outubro de 1975, em que ele estava sobre custódia do comando do Departamento de Operações de Informações e Centro de Operações de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), órgão de operação de repressão no regime militar brasileiro.

O Departamento de Operações de Informações e Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), esclareceu ao público e a imprensa através de uma declaração oficial que o falecimento do então jornalista, Vladimir Herzog, foi cometido pelo ato de suicídio na cela a qual estava detido. Os movimentos sociais da época como Ação Popular entre outros refutaram tal declaração do Exército Brasileiro, o que culminou uma revolta popular na imprensa e no público, gerando debates críticos até na contemporaneidade, na democracia.

A segunda estrofe do poema enfatiza linearmente a relação da memória e do interdiscurso na poesia do potiguar. Observamos os seguintes versos:

Sem medo esse povo partiu para a praça
Pedindo justiça nas “diretas já”
Falando mais alto que o seu marajá
Vencendo a barreira da grande desgraça.
A democracia teria mais graça
Rompendo esse ciclo, tentando inovar,
Vencendo o regime onde o militar
Calava seu povo no vão da censura,
Rompendo a barreira da triste tortura

Nos dez de galope da beira do mar. (RENATO, 2017, p. 34)

Podemos observar a categoria do interdiscurso, como aponta Almeida (2017, p 56) sobre “heterogeneidade mostrada” no que diz respeito desta categoria, notamos estritamente na materialização da língua nos termos “diretas já”, levando em consideração a ativação da memória coletiva quase simultaneamente, observamos o discurso sócio-histórico do movimento *Diretas já* a partir de uma memória discursiva, onde é lembrada pelo poeta no poema “Galope”, haja vista que esse movimento é contemporâneo na democracia brasileira.

É importante ressaltar que esse movimento social lembrado pelo respectivo poeta é de suma importância na sociedade brasileira, pois o período em que transitou essa mobilização popular no Brasil na década de 80, foi onde o Brasil se encontraria no fim do regime militar, dando início uma abertura política para um governo mais popular junto de eleições diretas.

Continuando os versos, o poeta enfatiza nitidamente essa relação de uma parte da história brasileira com o seu texto, especificamente o período autoritário brasileiro. Esse entrecruzamento por essa rede discursiva junto do poema a respeito desse momento crítico nacional é perceptível nos versos “Vencendo o regime onde o militar / Calava seu povo no vão da censura,/Rompendo a barreira da triste tortura/ Nos dez de galope da beira do mar”. (RENATO, 2017, p. 34).

Na parte final do poema é notório a memória discursiva novamente, ativando o interdiscurso, visto que, em sua sequência o discurso que é observável nessa última estrofe que reativa com nitidez a ditadura brasileira, precisamente com a terminologia empregada no verso, o termo “tortura”, onde nos leva ao regime do militarismo. A palavra “Censura” consolida ainda mais essa postura do poeta dessa memória, sendo que, podemos ter a percepção dos momentos de interdição de discursos que foram atribuídos pelo poder da época com seus serviços de inteligências internas, e o Ato Institucional nº 5 (AI-5) etc. Este último, utilizado para o fechamento do congresso nacional onde a república se encontrava em calamidade pública por guerrilhas urbanas e atentados terroristas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RESULTADOS

Durante a análise, constatamos a relação teórica e prática no decorrer do texto pelo nosso objetivo de fazer uma análise discursiva do respectivo poema. A memória discursiva e o interdiscurso são categorias que estão intrinsecamente ligadas ao respectivo poema

analisado. Apesar de não ser uma análise literária, mas uma análise discursiva, observamos a importância do texto literário nas situações críticas das memórias e do interdiscurso que englobam nossa formação histórica nacional, pois os versos que abrange o poema são nítidos como prática social, levando em consideração fatores ideológicos, políticos, sociológicos, históricos.

Por fim, ao concluir o trabalho podemos perceber através das categorias da Análise do Discurso de orientação francesa, memória discursiva e o interdiscurso os efeitos de sentidos (resultados) que são produzidos pelas materialidades discursivas analisadas, isto é, os versos do poema que nos ajudaram para termos uma resposta da nossa problematização da pesquisa.

Observamos que os enunciados materializados nos levam a compreender um parâmetro interdisciplinar, desenvolvendo uma leitura descritiva interpretativa do *corpus*, mostrando sua relação com a história do período militar até a democracia atualmente, por meio de uma linguagem poética da cultura popular que compõem um dos acervos do Poeta Robson Renato.

5 REFERÊNCIAS

Almeida, S. S. **Interdiscurso e ethos discursivo: uma análise da campanha publicitária Duloren e as mulheres reais.** / Suegna Sayonara de Almeida - 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2017, (UERN/PPGL)

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso:** reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas urbanas, 2007.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos.** Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008b.

_____. **Analisando discursos constituintes.** Tradução de Nelson Barros da Costa. Revista do GELNE, v. 2, n. 2, 2000.

_____. **Discurso Literário.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MAZZOLA, R. B. Análise do discurso: um campo de reformulações. In: MILANEZ, N. SANTOS, J. de J. (Orgs.). **Análise do discurso:** objetos, sujeitos e olhares. Coleção discursividades. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 07-16. E-book.

RENATO, R. **Boca de Noite.** 1ed. Natal: Offset, 2017.

Referências complementares:

InfoEscola Navegando e Aprendendo. Disponível em:
<<https://www.infoescola.com/historia/diretas-ja/amp/>> Acesso em: 16 Jul. 2019

Terra. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI407607-EI306,00-Entenda+o+caso+Vladimir+Herzog.html>> Acesso em: 16 Jul. 2018